

# Terceiro ciclo da inutilidade

Conversamos sobre as suas escolhas recentes e as respetivas ideias para o futuro, mas também a respeito do percurso feito ao longo terceiro ciclo do ensino básico. Há sempre nos raciocínios do Miguel muita ponderação para refrear um longo encolher de ombros. Por fim sucumbe para repetir-me as queixas que ouço permanentemente em casa e sempre que questiono os mais jovens sobre estes temas, há mais de vinte anos. No terceiro ciclo o número de disciplinas é excessivo, os horários estão muito sobrecarregados, grande parte do esforço e das aprendizagens não serve para nada. Invariavelmente, a conclusão encaminha-se para esse argumento da inutilidade. E embora nenhuma das outras observações me pareça despicienda, a sensação de falta de propósito transmitida pelos alunos quando pensam sobre o terceiro ciclo preocupa-me. Sejamos, ainda assim, claros: aos catorze ou quinze anos não estávamos em condição de antever a utilidade de determinados ensinamentos. Todavia, válido a bondade e a pertinência dessa avaliação por três motivos.

Primeiro, quando na qualidade de encarregado de educação observo algumas tarefas escolares que

preenchem os sumários dou por mim a recuar até aos anos noventa, senão mesmo até aos anos setenta do século passado. A insistência (ao fim de três ou quatro anos de Tecnologias de Informação e Comunicação) em ensinar as ferramentas do Office, se preciso for usando efeitos gráficos próximos do defunto Clipart, já seria concessão de monta. Mas aceitar que, para além disso, e em pleno século XXI, a Educação Tecnológica consista em serrar papel e fazer máscaras ou que a literacia digital seja uma nota de rodapé nos programas está muito para além do aceitável. Pelos vistos, tecnologia é uma condição que pouco assiste aos currículos dessas áreas. Não obstante a ideia de elipse que preside à ligação temática entre ciclos para que as competências e os conteúdos sejam trabalhados de forma gradualmente mais profunda, é mesmo urgente limar o currículo de algumas disciplinas do terceiro ciclo, evitando sobreposições e reposições de conteúdos e, sim, inutilidades.

Em segundo lugar, é ainda mais imperioso o sistema investir as aprendizagens de sentido. Tal re-



SOCIEDADE  
FRANCISCO  
SIMÕES  
INVESTIGADOR  
AUXILIAR ISCTE

quer mecanismos precoces de informação e orientação destinados a descobrir as profissões, a melhorar o autoconhecimento e a permitir a reflexão sobre o melhor modo de usar os recursos e talentos pessoais – na sociedade e no trabalho. Insistir em desligar o terceiro ciclo dos planos futuros dos alunos, incluindo na formação de notas de acesso ao ensino superior, é um equívoco. Pois: o trabalho escolar nesta fase deveria contar mesmo para a tal “média”, ainda que o método para tal possa deva ser discutido.

Por fim, erro maior ainda é continuar a desenvolver políticas de ensino sem ouvir os alunos. A sua voz está longe de ser refletida pelos currículos e pelas experiências na sala de aula. Fosse ela mais vezes tida em conta e talvez já não se fizessem tantos *slides* e se falasse mais de Inteligência Artificial, porventura os projetos tecnológicos seriam produzidos com ferramentas elétricas e, porque não, com apoio de programas informáticos para produção de maquetes em 3D e, quem sabe, a capacidade para distinguir o fundamental do acessório na internet se-

ria antecipada. É para isso que a opinião deles serve: para nos atualizarmos e, assim, aprendermos. •

1563